

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Loução, Maria Dulce Costa Campos, 1958-

## **Arquitectura : passado, presente e futuro : resposta**

<http://hdl.handle.net/11067/5870>

<https://doi.org/10.34628/y521-cx59>

### **Metadados**

**Data de Publicação**

2021

**Tipo**

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-07T00:32:44Z com  
informação proveniente do Repositório

## MARIA DULCE LOUÇÃO





Pensar Architectura é, sempre e unicamente, reflectir, construindo espaços para a humanidade viver, comemorar, morrer, consagrar o imortal.

Destes registos físicos persistem as ruínas de tempos passados, memórias de vidas nos resíduos de pedras e ferros esquecidos, para que, aqueles que agora as visita,, as reconfigurem com os fantasmas do que já foi, e o sonho do que poderá vir a ser.

Porém, não se trata de cristalização de um passado venerado – as ruínas só fazem sentido como suporte à reinterpretação contemporânea de algo que outros presentes deixaram de pé. Cabe à arquitectura, hoje, criar também a sua própria ruína futura.

Quer se desenhe a lápis, caneta ou computador, a função do projecto de arquitectura é sempre transitória; o importante é a consequência do projecto – a Obra Habitada.

Nada substitui a experiência tangível dos materiais, da luz, do som, do cheiro dos espaços construídos, porque é com o Corpo Inteiro que se vive a arquitectura e a cidade.

É de uma fusão entre memórias e sonhos, que se reconhecem espaços já percorridos, quiçá em outras vidas, ou num passado que se confunde com o sonho, também ele, colorido.

O tempo do confinamento esvaziou a cidade e os lugares da presença dos humanos; porém, permaneceu, aguardando vidas adiadas. Há quem diga que nada ficou como dantes – certo é que, com a experiência da ausência de vida comunitária, maior é o desejo de a ela retornar, com distância maior ou menor, mas persistindo o mesmo desejo de Habitar, isto é, viver com sentido.

Não há pandemia que destrua a necessidade de manifestar tangivelmente, o intangível, de construir a memória de tempos futuros, nem a tecnologia, nem a virtualidade poderão substituir o toque, a fisicalidade, a experiência corpórea, o Real vivido e não suspeitado pelo primado das imagens fugazes de um écran.

É tempo, hoje, de, mesmo com máscara, tocar a terra e recorar  
donde viemos, registando em pedra o nosso momento no universo.  
Sem pretensões ou falsas modéstias: com Humanidade.